

## **O USO DA FOTOGRAFIA NO ENSINO DE GEOGRAFIA, EM TEMPOS REMOTOS**

**Gabriela Rodrigues da Silva**

Universidade Federal de Viçosa. E-mail: [gabriela.r.rodrigues@ufv.br](mailto:gabriela.r.rodrigues@ufv.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9287-5709>

**Edson Soares Fialho**

Professor Associado III do Departamento de Geografia da Universidade Federal de Viçosa.

E-mail: [fialho@ufv.br](mailto:fialho@ufv.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1162-632X>

1

**RESUMO:** A situação pandêmica instaurada no ano de 2020, fez com que o estado de Minas Gerais, por intermédio da Secretaria de Estadual de Educação (SEE), promulgasse a suspensão das aulas presenciais em março de 2020, o que vigorou até o segundo semestre de 2021, posto que as instituições de ensino passaram a operar em caráter híbrido e, sequencialmente, de forma presencial. Nesse contexto, os profissionais da educação tiveram de se adaptar a corriqueira utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação e dos instrumentos emergencialmente elaborados pela SEE-MG, a saber: o aplicativo Conexão Escola, os Planos de Estudo Tutorados (PET's) e o programa de TV "Se Liga na Educação". À vista disso, na E.E José Lourenço de Freitas, se buscou suplementar o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes através de projetos extracurriculares, a exemplo do Concurso de Fotografias "Em Casa". Infere-se que o referido buscava revelar a realidade cotidiana, levando em consideração um espaço apropriado e conhecido pelos discentes, ou seja, o espaço doméstico. Assim sendo, as fotografias e descrições alçadas pelos graduandos foram encaminhadas para o instagram "PIBID-UFV Geografia" (@pibidgeoufv), onde ocorreu a avaliação das inscrições e a divulgação dos ganhadores. Por conseguinte, acredita-se que a riqueza de conteúdo do projeto não tenha sido completamente explorada pelos envolvidos, assim, se faz necessário retomar os pontos centrais do Concurso "Em Casa" e desvelar de que forma as fotos produzidas pelos educandos da E.E José Lourenço de Freitas poderiam vir a favorecer a apropriação de conceitos elementares ao ensino de geografia, sobretudo, das temáticas físico-naturais.

**PALAVRAS-CHAVE:** PIBID; Escola; Paisagem; Fotografia e Geografia.

## **THE USE OF PHOTOGRAPHY IN THE TEACHING OF GEOGRAPHY, IN REMOTE TIMES**

**ABSTRACT:** The pandemic situation established in 2020, caused the state of Minas Gerais, through the State Department of Education (SEE), to enact the suspension of face-to-face classes in March 2020, which was in force until the second half of 2021, since the educational institutions started to operate in a hybrid character and, sequentially, in presencially character. In this context, education professionals had to adapt to the use of Information and Communication Technologies and of the emergency instruments developed by SEE-MG, called: "Conexão Escola" application, the "Planos de Estudo Tutorado" (PET's) and the TV show "Se Liga na Educação". In view of this, at E.E José Lourenço de Freitas, an attempt was made to supplement the teaching-learning process of students through extracurricular projects, such as the "Em Casa" Photo Contest. It is exposed that the project sought to reveal the everyday reality, taking into account an appropriate and known space to the students, that is, the domestic space. Therefore, the photographs and descriptions taken by the undergraduates were sent to the instagram "PIBID-UFV Geografia" (@pibidgeoufv), where the entries were evaluated and the winners announced. In this sense, it is believed that the rich content of the project has not been fully explored by those involved, so it is necessary to return to the central points of the "Em Casa" Contest and reveal how the

prothographies produced by the students of E.E José Lourenço de Freitas could come to favor the appropriation of elementary concepts to the teaching of geography mainly on physical and natural themes.

**KEYWORDS:** PIBID; School; Landscape; Photography and Geography.

## INTRODUÇÃO

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), sob responsabilidade da Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), faz parte da realidade do curso de Geografia da Universidade Federal de Viçosa (UFV), desde seu primeiro edital no ano de 2000. Assim, enquanto política pública de valorização dos cursos de licenciatura no Brasil, tem alcançado seus objetivos iniciais, quanto a melhoria do processo de formação docente em um mundo que se transforma, globaliza e acentua suas contradições velozmente. (AMBROSETTI *et al.*, 2013).

Nesse sentido, a Escola e o Ensino de Geografia têm assumido múltiplas tarefas. Estas indo além das ações educativas, avançando para a leitura de mundo e a interpretação do espaço geográfico (CAVALCANTI, 2019). Outrossim, há de se destacar que, isso apenas se desenvolve, quando o processo educacional se desenvolve, a partir da construção de vínculos, que permitem a integração do educando/educador, buscando atingir o aprendizado por meio de saberes científicos, estímulo do olhar e a curiosidade do alunado em abrir-se para o conhecimento. (LIBÂNEO, 2013). Todavia, infere-se que os educandos ao se inserirem em um mundo que passa por complexas e sucessivas transformações socioeconômicas, tecnológicas, políticas, etc., direcionam-se para o ambiente escolar abarrotados de agitações e expectativas, na medida em que, na maior parte das vezes, as instituições de ensino apresentam-se como o espaço da disciplina, estudo e silêncio, não sendo agradável e motivador aos olhos dos estudantes. (SANTOS; CHIAPETTI, 2002).

Porquanto, em um mundo globalizado, em que estas problemáticas ambientais, econômicas, políticas e sociais aglutinam-se e agravam-se, há a necessidade de que ganhem maior visibilidade e passem a serem compreendidas e analisadas pelos estudantes, em especial, no que concerne a reflexões no interior do ensino de geografia. Todavia, um novo cenário se impôs aos discentes das escolas básicas do Brasil, neste período. As doenças também se tornaram mundiais. A pandemia da Covid-19 tornou-se na agenda das instituições de ensino brasileiras, que passaram a conviver com algo, que não mais encontrava-se expresso nos livros, mas os atingia de maneira direta, impedindo a mobilidade das pessoas por regiões, lugares e ruas.

E no contexto escolar, o meio remoto ou a educação a distância tornaram-se uma realidade desigual para a maioria dos alunos, na medida em que, nem todos os estudantes tiveram condições de estarem acessando o ciberespaço de maneira que pudessem estar tendo o acesso à informação. E tal realidade lembra a questão formulada por Callai (2001), quando pergunta logo no título de seu trabalho: A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino?

Ademais, na educação remota, algumas escolas acabaram por cunhar suas próprias plataformas de ensino e/ou a valer-se de canais de comunicação diversos, para além, outras acabaram por transformar o *WhatsApp*, o site da escola e o e-mail institucional, em aparatos de interação entre professores e alunos para o fornecimento de atividades, aulas e orientações aos jovens estudantes. Uma realidade que o PIBID-Geografia da

Universidade Federal de Viçosa (UFV), teve que enfrentar, frente a Pandemia da Covid-19, o que de certa maneira dificultou o desenvolvimento dos trabalhos projetados.

Em razão disso, o grupo de alunos da Geografia e a supervisora, se detiveram a procurar por novos instrumentos de ensino, sendo que todas as alternativas mantiveram-se na perspectiva do ensino emergência remoto, desenvolvidas, no período de 15 de Outubro de 2020 até o dia 1 de Abril de 2022, na Escola Estadual José Lourenço de Freitas, localizada no distrito viçosense de São José do Triunfo (“Fundão”). Posto isso, trata-se que, em virtude do alastramento da Covid-19, a ação dos pibidianos foi reduzida substancialmente, de modo que os mesmos encontravam-se limitados ao atendimento e retirada de dúvidas dos estudantes em grupos de *Whatsapp*, à gravação de vídeo-aulas e a sua publicação no canal do *Youtube* “PIBID UFV - Geografia”, visando aprofundar os conteúdos trazidos de forma descontextualizada e simplificada pelos Planos de Estudo Tutorado, e, por fim, à criação de apostilas e atividades avaliativas a serem impressas e disponibilizadas pela instituição de ensino para os educandos sem acesso à internet.

Outrossim, faz-se necessário apontar que a E.E José Lourenço de Freitas (Imagem 1) encontra-se alocada em uma região em que a desigualdade socioeconômica encontra-se em destaque, de tal forma, foram inúmeras as vezes em que os pibidianos não puderam acompanhar ou ministrar aulas síncronas na plataforma *Google Meet*, em decorrência da ausência de aparatos tecnológico e de internet estável por parte dos estudantes e de seus familiares, assim, retomo as reflexões de Cury (2002), evidenciando que a distribuição de riqueza no país é o aspecto determinante do acesso e da permanência dos estudantes na escola, uma vez que, ao tratarmos da situação imposta pela pandemia da Covid-19, os que não podem arcar com os custos dos serviços de internet ou com a compra de celulares e computadores estarão enfrentando a rígida realidade da exclusão digital na era técnico-científico-informacional e da expropriação de direitos, posto que o Art. 205 da Constituição Federal de 1988 versa a educação enquanto direito de todos e dever do Estado e da família, visando o desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, o que não encontrava-se passível de ser alcançado apenas pelo oferecimento de um material esvaziado de criticidade, de conteúdo e de conexão com a realidade.



**Imagem 1:** Escola Estadual José Lourenço de Freitas  
Fotografia por Roberta de Melo Figueiredo (Supervisora PIBID-Geografia-UFV), 2021.

Em virtude disso, o PIBID-Geografia voltou-se a proporcionar atividades de caráter formativo, para além das práticas didático-pedagógicas tradicionais, evidenciando-se a

construção do Mural *Padlet* "Mineiridade em Foco", a fim de que se comemorasse os 300 anos do estado de Minas Gerais; o projeto "Biografias", que estreou no dia 29 de Maio "Dia do Geógrafo", rememorando a trajetória e as contribuições dos principais profissionais de Geografia de nosso país.

Também houve a criação de um documentário, em parceria com os colegas do residência pedagógica, sobre o "Congado em São José do Triunfo", distrito em que vivem a maior parte de nossos educandos, que foi lançado no IX Diálogos Interdisciplinares em novembro de 2021, cujo tema versou sobre os desafios da formação docente e o novo Ensino Médio, promovido pelo Laboratório de Ensino de Geografia e o Departamento de Geografia da UFV. O vídeo documentário está disponível no canal do *YouTube* do PIBID-Geografia-UFV (<[https://www.youtube.com/watch?v=p\\_80PMxHpww](https://www.youtube.com/watch?v=p_80PMxHpww)>). Ademais, pôde-se apresentar um minicurso sobre "Gamificação no Ensino de Geografia" para os graduandos em licenciatura interessados na temática e, por fim, abordando o enfoque deste trabalho, trata-se do fato de ter ocorrido a criação e a execução de um Concurso de Fotografias, enfocando o espaço em que se constrói a vida dos estudantes.

À diante, Segundo Mussoi e Santos (2008), a fotografia apresenta-se como uma necessária ferramenta didática, uma vez que pode vir a contribuir para a formação de conceitos geográficos básicos e para o entendimento das relações socioespaciais, posto que tenderiam a despertar nos educandos o desejo de aprenderem através da linguagem visual. Nesse contexto, o que guiou o planejamento do Concurso de Fotografias "Em Casa" foi a necessidade de se partir de um referencial costumeiro a todos os estudantes – sua casa, seu quarto, sua cozinha, seu quintal, etc. – oportunizando-os a captura, através das lentes de seus dispositivos móveis, o que mais lhes chamasse atenção, logo, almejamos não limitar o caráter criativo e inovador das crianças e adolescentes da escola na qual trabalhávamos.

Além disso, para que as inscrições dos educandos fossem validadas mostrou-se plenamente necessário que os mesmos se atentassem à criação de uma "descrição" que explicasse os motivos por trás da fotografia compartilhada, já que, consoante a Callai (2005), os lugares encontram-se abarrotados de histórias, mostrando-se enquanto o resultado da intervenção de pessoas, grupos e da relação entre estes e a natureza. Assim sendo, far-se-ia central que os discentes – durante a vigência do projeto – pudessem fazer a leitura do espaço, da aparência das paisagens, além de desenvolverem a habilidade de interpretar os significados nelas contidos.

Adiante que, apesar de haver cerca de 203 estudantes regularmente matriculados na E.E José Lourenço de Freitas, foram pouquíssimos os que se interessaram, verdadeiramente, pela atividade. Enuncio ainda que o concurso não tivera caráter obrigatório, contudo, a professora de geografia regente (também na condição de supervisora do PIBID) chegou a atribuir 5 pontos para àqueles que fizessem a inscrição, além disso, o primeiro e segundo lugar do Ensino Fundamental II e Ensino Médio viriam a ser premiados ao angariar um grande número de "curtidas". A conjuntura será retomada no tópico subsequente.

Por fim, admito que as fotografias alçadas no decorrer do projeto poderiam ter desfrutado de um maior e melhor aproveitamento, posto que, sabe-se da importância e da riqueza de informações contidas no trabalho com fotografias, sobretudo, na educação básica. Apesar disso, as fotografias ficaram limitadas a página do *Instagram* @pibidgeoufv, não sendo comentadas durante as aulas de geografia e/ou anexadas a alguma atividade de caráter diagnóstico, formativo e somativo da referida disciplina. Assim sendo, com a intenção de

beneficiar-se do material angariado a dura penas no segundo semestre de 2021, houve a iniciativa de se retratar o planejamento, efetivação e fechamento do concurso de fotografias, assim como, refletiu-se neste texto sobre algumas das fotos postadas e de que forma as mesmas poderiam vir a ser abordadas em uma sequência de aulas.

## **O CONCURSO DE FOTOGRAFIA**

O projeto de fotografias começou a ser pensado em Janeiro de 2021, nesse período discutiu-se acerca de possíveis temas, formas de publicação e a premiação daqueles que se interessassem em participar da competição. Indica-se que, primeiramente, os bolsistas pensaram em temas ligados ao Patrimônio Material e Imaterial da cidade de Viçosa, valendo-se de pontos turísticos, eventos, de festas regionais, religião e da gastronomia. Uma outra possibilidade levantada, foi a de retratar os componentes físico-naturais do lugar de vivência.

Para mais, pensou-se na perspectiva de se abordar, através das fotografias, os aspectos positivos e negativos da globalização, destacando-se as transformações urbanas, a desigualdade social, a diminuição das distâncias através das telecomunicações e a crise ambiental contemporânea – almejando-se a construção de uma ética ambiental desde as séries iniciais da educação básica. Outrossim, o debate sobre a estética esteve presente, afinal, ao trabalhar-se com o ideário de que o conceito de beleza/feiura mostrar-se-ia enquanto subjetivo e condicionado por aspectos atrelados à cultura, história e ao lugar de vivência, haveria a viabilidade de que se tocasse na questão da baixa auto-estima e insegurança – problemática que atinge pré-adolescentes e jovens adultos de nossa escola.

Entretanto, em virtude da pandemia da Covid-19 e do protocolo de biossegurança do município, o coordenador, a professora e os pibidianos, não sentiram-se confortáveis e tranquilos em enviar os educandos para tirarem fotografias em espaços para além de sua casa, uma vez que haveria a possibilidade de que os mesmos se aglomerassem – sem máscaras – em certos pontos da cidade e caso interceptados alegassem estar cumprindo com as obrigações escolares (o que comprometeria a escola e todo corpo docente), ademais, os educandos poderiam visitar partes instáveis e perigosas do distrito, seja para fotografarem barrancos (com possibilidade de deslizarem e se machucarem), rios, áreas de vegetação fechada, ou, zonas em que assaltos se fazem corriqueiros e as “bocas de fumo” se concentram.

Assim, fora consenso que o tema "Em Casa" viria a assegurar o bem-estar de nossos discentes e a estimular a observação e a descrição de espaços diversos pelos alunos, preparando-os para cunhar suas próprias considerações sobre determinado assunto, havendo também a possibilidade de que os mesmos solucionassem essas questões através de suas reflexões e tendo como recurso de mediação a fotografia (FERNANDES *et. al.*, 2021; CALAZANS *et al.*, 2022).

A partir disso, a orientação seria a de que os educandos, do sexto ano do ensino fundamental II até o terceiro ano do ensino médio, capturassem por intermédio das lentes de suas câmeras as singularidades de sua vida familiar cotidiana, as pessoas com as quais convivem corriqueiramente, seus animais de estimação, a infraestrutura de suas casas, os móveis e as plantas espalhados pelo ambiente, as atividades domésticas realizadas, as horas de estudo, seus momentos de lazer dentro ou fora de casa, etc. Ademais, ficou decidido que os alunos poderiam encaminhar de 1 a 9 fotografias no formulário de inscrição, além de terem de descrevê-las sucintamente (não mais que 500 caracteres), caso desajassem participar.

A plataforma escolhida para o compartilhamento do projeto foi o *Instagram*, de modo que se criou um perfil (@pibidgeoufv) onde as fotografias foram hospedadas em formato de carrossel (várias imagens em uma única postagem). O motivo que desencadeou a seleção de tal rede social foi a possibilidade de se ter acesso ao número de curtidas e aos comentários em cada uma das publicações, afinal, decidimos premiar dois alunos do ensino médio e dois alunos do ensino fundamental II com as fotos mais curtidas, assim, os estudantes tiveram de responsabilizar-se pela divulgação de suas postagens para seus familiares, amigos, conhecidos, dentre outros, de modo a obterem o maior engajamento possível.

No que tange a premiação (Figura 2), a Professora de Geografia divulgou massivamente que todos aqueles que se inscrevessem no Concurso de Fotografias iriam receber a pontuação referente às atividades complementares do terceiro bimestre, logo, 5 pontos. Ademais, foram levantados fundos visando a aquisição de prendas para os dois primeiros e dois segundos lugares, afinal, a premiação se deu por segmento da educação básica (Ensino Fundamental II e Ensino Médio). Isto posto, aborda-se que as fotos mais curtidas do Ensino Fundamental e Ensino Médio receberam um *Headset Gamer* cada, ao passo em que, as segundas fotografias mais curtidas receberam uma cesta de guloseimas caseiras provenientes de produtores locais.

Por conseguinte, a divulgação do Concurso foi feita nos grupos de *Whatsapp* de cada ano do ensino fundamental e série do ensino médio, ademais, compartilhou-se no Canal do *YouTube* "PIBID UFV - Geografia" um vídeo curto auxiliando os educandos no processo de preenchimento do Formulário de Inscrição. Os mesmos tiveram cerca de cinco semanas para o envio das fotos e das descrições, de modo que o prazo foi de 07/06/2021 até 14/07/2021.



**Imagem 2:** Prêmio do concurso de Fotografias “Em Casa”.  
Os autores, 2021.

Como já foi tratado, as expectativas quanto à esse projeto eram altíssimas, pois acreditávamos que os estudantes encontravam-se entediados para com a prática de ensino tradicional, sendo as aulas expositivas via *Google Meet* e *YouTube* pouco acessadas pelos discentes e os Planos de Estudo Tutorado conformados na cópia e reprodução de saberes da geografia, logo, tal qual é discutido em Fialho (2014), os manuais didáticos (e, no caso

enfocado, os PET's), não apresentam-se como totalmente descartáveis e/ou ruins, contudo, não devem expor-se como única orientação, afinal, conformam-se enquanto instrumentos de ensino e não como comandantes do processo pedagógico. De tal modo, o autor defende a necessidade de que sejam utilizadas outras linguagens, como a literatura, o cinema, a charge, os trabalhos de campo, teatro e a própria fotografia. (Ibid, 2014).

Ainda assim, a atividade possuía caráter somativo para o terceiro bimestre e o ato de ganhar ou perder encontrava-se desconectado do fator sorte – dependia unicamente da movimentação nas redes sociais e do engajamento nas publicações. Nesse contexto, indica-se que, em uma escola com mais de 200 estudantes, houveram cerca de 21 inscrições (mesmo que a professora e os pibidianos incentivassem cotidianamente a participação nos grupos de *Whatsapp* e nos chats privados).

As 21 publicações contaram com cerca de 108 fotografias diversas, sendo que as de "paisagens" foram as mais destacadas pelos estudantes. Os mesmos compartilharam, numerosamente, imagens da vista de suas casas, sendo essas para o céu, para a comunidade de São José do Triunfo, para as plantações de café, árvores, etc., posicionando toda essa heterogeneidade dentro de um mesmo conceito (o de paisagem).

Outrossim, a maior parte das legendas foram sucintas e não trouxeram impressões o suficiente para explicar o porquê de determinada fotografia ter sido capturada pelo estudante. Logo, aborda-se a reflexão de Frasson (2021), de que é nas múltiplas possibilidades que a imagem oferece à pesquisa, à descoberta e às múltiplas interpretações, que reside o seu fascínio.

Assim, esperava-se que os educandos da José Lourenço de Freitas tivessem analisado e discutido cada uma das fotografias com menos parcimônia, ou seja, que tivessem ultrapassado a barreira do que encontra-se visível, debruçando-se também sobre os aspectos invisíveis da fotografia, provocando maiores indagações (do que certezas) naqueles que lêem o produto final.

Exemplifica-se o que fora dito por meio da Imagem 3. A referida foi capturada por um estudante do sexto ano do ensino fundamental e teve como descrição a palavra "Natureza". No item é possível que se visualize a separação entre espécies supostamente "selvagens" – atrás da cerca de madeira – plantadas diretamente no solo e que crescem sem rumo ou barreiras. A orquídea, por sua vez, ocupa a posição central da fotografia, e, em comparação com as demais plantas, encontra-se posicionada em um vaso próprio (sendo que é provável que receba corriqueiros cuidados).

Nesse contexto, é factível que o estudante interprete tudo o que é "verde" enquanto natureza ou, ainda sim, que despreze todo o cenário no entorno e esteja denominando apenas o que é agradável aos olhos (orquídea) de "Natureza", assim, o fotógrafo acabou por economizar expressivamente as palavras no processo de abordar suas ideias e sentimentos, fazendo com que a foto se tornasse apenas esteticamente agradável e com pouco significado para aquele que a vislumbra.



**Imagem 3:** “Natureza”.

Fotografia do estudante Filipe Silva (Turma: 610), 2021.

Conseqüentemente, aborda-se que o prazo de avaliação das imagens se findou no dia 05/08/2021, havendo um acúmulo de mais de 100 seguidores, 923 curtidas e 58 comentários na página do PIBID-UFV Geografia. Os estudantes do ensino fundamental II, sobretudo, os sextos anos, apresentaram-se de forma mais engajada e participativa, sendo eles os responsáveis por angariar mais de 757 curtidas.

Assim, trata-se que foram premiados dois estudantes do sexto ano, um do segundo ano e um do terceiro ano do ensino médio. Esses indivíduos tiveram de ir até a escola para serem parabenizados pela direção e receberem suas respectivas prendas.

Em vista disso, confessa-se que o Concurso de Fotografias “Em Casa” foi finalizado no momento em que se postaram as fotos dos ganhadores na página do *Instagram*, não havendo a solicitação de *feedbacks* para os educandos e/ou a adoção de alguma dessas fotos para se tratar de conceitos elementares da geografia, a exemplo do conceito de Natureza, que fora expressado anteriormente.

Dessa maneira, buscou-se revisitar e examinar algumas das fotografias e descrições disponibilizadas por nossos estudantes, a fim de que as referidas fossem utilizadas como ferramenta pedagógica (LIMA *et al.*, 2018) em algumas temáticas da geografia escolar – Espaço Agrário Brasileiro e a Urbanização (MEUER; SPIRONELLO, 2020) – e aplicadas em contexto das aulas presenciais.

### **REFLEXÕES SOBRE A UTILIZAÇÃO DAS FOTOS EM SALA DE AULA**

Conforme Holgado e Rosa (2011), o caráter da fotografia não deve limitar-se à sua capacidade de ilustração, afinal, esses recursos permitem o desvelamento de novos conteúdos e a inserção do espectador no "interior" do texto. Assim sendo, Freisleben e Kaercher (2016) defendem o fato de que os documentos fotográficos expõe-se como uma fonte histórica não-verbal, que aglutina linguagem própria, com mensagens imagéticas, e de caráter polissêmico (que admite múltiplas interpretações). Nesse sentido, as fotos

deveriam ser estudadas levando em consideração seu *status quo* histórico, cultural e social, já que possuem a capacidade de ampliar o diálogo entre a diversidade de sujeitos.

Outrossim, infere-se a existência de uma "fotogeografia", que, em consonância com Nascimento e Steinke (2018), evidenciar-se-ia como o elo entre a Fotografia e a Geografia, criando uma linguagem fotográfica (NUNES, 2017). De modo que haveria a inter-relação entre as dimensões do real (concreto) e do imaginário, do que se faz visível e invisível, provendo o aparecimento de ilimitadas percepções e interpretações, estas configurando-se como antagônicas, críticas, complementares, reflexivas, etc.

Freisleben e Kaercher (2016) discorrem que os registros fotográficos que compõem os processos geográficos propiciam que o olhar daquele que captura uma fração da realidade (e daqueles que, posteriormente, fazem a leitura), seja capaz de debruçar-se sobre as contínuas modificações ambientais, sociais e históricas, que ocorrem no espaço geográfico, de tal modo, dirigem-se a instigar diversas interpretações e a acolher a construção de um discurso individualista dos fenômenos e paisagens gravadas.

No que corresponde a utilização das fotografias no ambiente escolar, explana-se que em meio a era técnico-científica-informacional uma expressiva parcela da humanidade encontra-se sendo bombardeada corriqueiramente por imagens das mais díspares naturezas, estas variando entre fotografias de cunho afetivo e pessoal até mensagens apelativas e publicitárias. À vista disso, faz-se necessário que se estimule uma análise crítica, significativa e intencional das imagens que se colocam no cotidiano dos discentes da educação básica.

Afinal, segundo Callai (2005), é primordial que estes tornem-se capazes de ler o mundo da vida, o espaço e as paisagens, compreendendo que tais construtos fazem-se enquanto o resultado da vida em comunidade, dos sujeitos na busca contínua por sobrevivência e por satisfação de suas necessidades.

Sequencialmente, procurou-se, à luz da revisão bibliográfica, revisitar as fotografias e textos enviados por nossos estudantes na vigência do Concurso de Fotografias "Em Casa" e correspondê-las aos conteúdos da geografia escolar cotidianamente abordados em salas de aulas das instituições de ensino brasileiras.

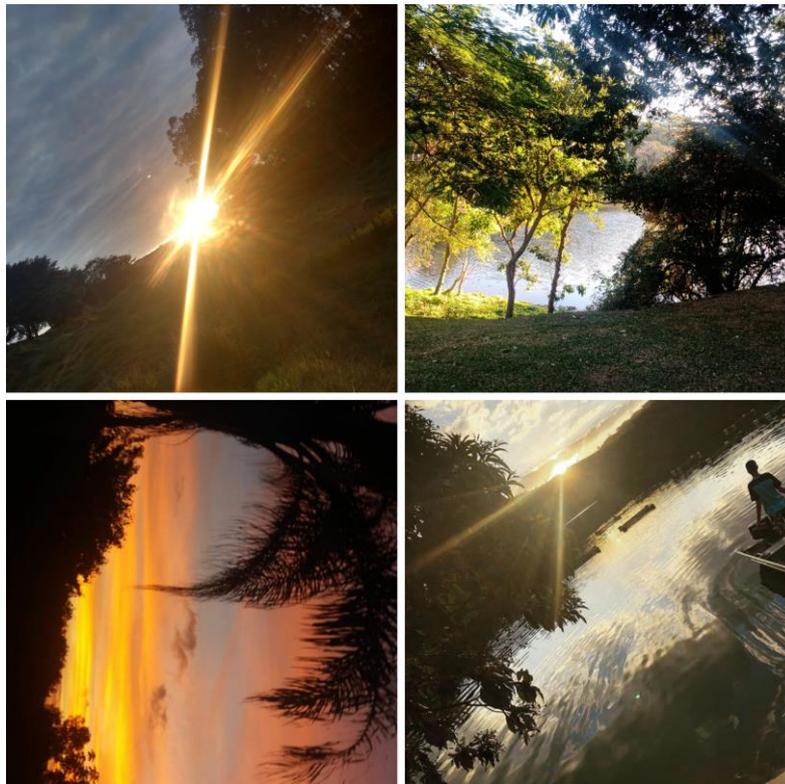
Nesse contexto, indica-se que em grande parte das fotos encaminhadas havia o enquadramento do céu em diferentes momentos do dia, ademais, capturaram-se fotos de atividades domésticas, animais, membros da família, plantas e dos próprios alunos, o que faz com que imaginemos que acabaram por gravar o que consideram verdadeiramente belo – denominando-os de “paisagem” no processo – ou importantes para sua constituição enquanto seres pensantes.

A partir disso, uma abordagem possível em sala de aula seria a de se expor essas “paisagens”, questionando suas semelhanças e divergências através de seus elementos constitutivos e os possíveis motivos que os levaram a associá-las a esse conceito. Contrapondo-se, assim, a noção de que o professor de geografia tende a mostrar muitas imagens em sala de aula, contudo, raramente pergunta a seus discentes o que são capazes de visualizar. (NOVAES, 2011).

É sabido que os educandos, no momento destacado, encontram-se guiados pelo senso comum, de modo que tratam a paisagem como tudo o que é visto e/ou tudo que é agradável aos olhos, descartando a historicidade dos fenômenos e as relações sociais nela contidas – aspectos invisíveis – em sua análise. Logo, cabe ao professor o papel de refinar

a visão que os seus estudantes possuem acerca da paisagem, de modo que, se faça valer a noção de que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, além de ter por influência a experiência de vida do leitor. (FREIRE, 1983).

Para além, há a abertura de que o professor questione se toda paisagem explana-se enquanto “natural” ou se há a coexistência de paisagens “artificiais” e/ou “humanas”, posto que numerosas foram as fotografias denominadas de “paisagem” que só enfocaram aspectos físico-naturais (FIALHO, 2008), a exemplo da hidrografia, solo, tipos de tempo e vegetação, gravadas pelos educandos. Isto posto, far-se-ia possível que o educador tratasse do mundo e de seus lugares – suas paisagens artificiais e naturais – ao passo em que se utilizasse de outras fotografias, a fim de dar concretude a sua narrativa. (NOVAES, 2011).



**Imagem 4:** Paisagem.

Fotografias dos estudantes Nara Luiza (Turma: 710), Maria dos Santos (Turma: 710), Nathammy Dias (Turma: 310) e Thiago Salatiel (Turma: 210), 2021.

Para além das fotos do cotidiano e das paisagens, foi possível destacar três publicações que viriam a enquadrar-se, em aulas de Geografia sobre o espaço agrário e a expansão urbana, de modo que a compreensão dessas temáticas partiria do próprio sujeito, isto é, o referido aprenderia os conteúdos da ciência geográfica a partir de sua vida, família, escola, rua, bairro, cidade, e, assim, sucessivamente. (CALLAI, 2005).

A partir disso, exponho, inicialmente, a fotografia capturada por uma estudante do sétimo ano do ensino fundamental; nesta é possível que se visualize a vista panorâmica do distrito viçosense de São de Triunfo, assim, empreende-se a distribuição de múltiplas casas com diferentes estruturas e tamanhos, para além, o que acaba por prender a atenção do

espectador é que uma das casas enfocadas encontra-se alocada em uma área de encosta pouco vegetada, gerando a indagação acerca do fato de essa ser ou não uma área de risco de deslizamentos de massa.

Assim, ao adotar-se a fotografia no ambiente escolar, visando favorecer a sensibilização e a curiosidade, o professor deveria estar apto a estimular o discente a ter uma posição crítica em relação ao que é visualizado, instigando-o a questionar os elementos visíveis, mas também o contexto que desencadeou sua produção. (RAMOS; AGUIAR, 2016).



**Imagem 5:** Área Urbana de São José do Triunfo, Viçosa, Minas Gerais.  
Fotografia da estudante Maria Clara Santana (Turma: 710), 2021.

Desta forma, é preciso que os estudantes se atentem aos contrastes aparentes na fotografia, como o fato de as construções mais conservadas estarem na parte central do distrito, ao passo em que as habitações mais degradadas encontram-se nas hinterlândias. Outrossim, poderia-se abordar a "autoconstrução" e a alocação de moradias em áreas consideradas de risco, processos recorrentes na maior parte das cidades brasileiras.

Como a foto não é apenas o que encontra-se exacerbado, seria possível que o educador orientasse os alunos a uma discussão acerca de temáticas sociais que não são vistos, sobressaindo-se as problemáticas de criminalidade, tráfico de drogas e violência, bem como a memória do lugar, conforme abordam Monego e Guarnieri (2012).

Não obstante, far-se-ia possível que houvesse uma abordagem sobre o acesso e a eficiência de políticas públicas de coleta e reciclagem de lixo, saneamento básico,

tratamento de esgoto, controle de pragas, etc., em São José do Triunfo, uma vez que os discentes e seus familiares residem na região.

Outra fotografia do Concurso “Em Casa”, que acabou por despertar mais indagações do que certezas, foi captada por uma estudante do primeiro ano do ensino médio, tendo por descrição a sentença: “Um alto de um morro com lavouras de café e lá embaixo toda a comunidade”.



12

**Imagem 6:** Monocultura de café e eucalipto.  
Fotografia da estudante Fernanda Medeiros (Turma:110), 2021.

Percebe-se que a área de monocultura de café encontra-se afastada do centro urbano, visualizado na imagem anterior, além disso, muitas das casas encontram-se ancoradas em encostas inclinadas e com cobertura vegetal escassa (que podem vir a ceder em episódios de chuvas extremas).

Na parte superior da fotografia, nota-se a existência de florestas plantadas (eucalipto) para a exploração madeireira. Por fim, é possível visualizar o entalhamento das "meias-laranjas" e a aceleração da constituição de voçorocas. Nenhuma dessas observações se fizeram presentes na análise da aluna, por isso, torna-se expressivamente necessário que o professor de geografia atue na posição de um "guia" responsável por auxiliar os educandos na familiarização com o novo ambiente, mostrando coisas que do contrário poderiam passar despercebidas. (FREISLEBEN; KAERCHER, 2016).

De tal forma, uma única fotografia, poderia auxiliar na explicação de diversificados tópicos, a saber: a expansão de ambientes rururbanos no Brasil, a ampliação de áreas voltadas ao plantio de monoculturas, destacando-se as café e eucalipto, a importância de tais culturas para a manutenção da estabilidade econômica e geração de empregos no distrito, o processo de desestabilização de ecossistemas e degradação ambiental por manejo inadequado, entre outras possibilidades.

Nesse contexto, têm-se a consciência de que a professora regente e os pibidianos poderiam ter executado um trabalho mais robusto no que tange ao desenvolvimento da percepção, denominada de "Observação Sensível" por Fialho (2014), de modo que,

tivesse se incentivado o exercício da interpretação e da análise da importância intrínseca à disposição dos objetos físicos e humanos no espaço geográfico por parte dos educandos da José Lourenço de Freitas.

Subsequentemente, o projeto de fotografias também possibilitou que os estudantes que vivem em áreas afastadas dos centros urbanos expressassem suas percepções acerca de seu local de vivência. Este foi o caso de um educando do sexto ano do ensino fundamental, filho de agricultores familiares e feirantes, que vive na área rural do distrito de São José do Triunfo. Na descrição de sua publicação deixou claro que a lavoura é de onde sua família obtém o sustento, para além, expõe a existência de uma lagoa de onde seus pais retiram peixes e de onde a água é captada para a irrigação.

À vista disso, almejou-se romper com o ideário de observação, descrição e mensuração dos elementos observáveis, tal qual é visualizado no ensino tradicional de geografia, primordialmente, mnemônico, enciclopédico e sem aplicação cotidiana. Desse modo, tomou-se o educando como centro das atividades pedagógicas e seu ambiente de vida como conteúdo de ensino, galgando-se em uma educação mais regionalista e questionadora. (ESTEVES, 2018).

As fotos do estudante poderiam ser utilizadas pelo docente em conjunto da imagem anterior, almejando elencar os principais contrastes entre a Agricultura Familiar e a Agricultura de Exportação. Faz-se explícito, por exemplo, a diversidade de produtos contidos nas fotografias do aluno do sexto ano, árvores frutíferas, cebolinha, couve, flores e milho, foram algumas das espécies que conseguimos identificar, ao passo em que, na fotografia da aluno do primeiro ano do ensino médio, apenas o café e o eucalipto encontram-se presentes.



**Imagem 7:** Área Rural de São José do Triunfo, Viçosa, Minas Gerais.  
Fotografia do estudante Gustavo Bernardes (610), 2021.

Nesse sentido, é admissível que o professor discuta sobre o papel da agricultura familiar no abastecimento da maior parte das casas brasileiras. A questão da disparidade entre o

tamanho das propriedades poderia também vir a ser indicado, posto que, na imagem de Fernanda, visualizamos extensas áreas destinadas a um único gênero agrícola, na fotografia de Gustavo, por sua vez, temos uma maior variedade de gêneros alimentícios, contudo, ocupando uma mínima fração de espaço, sendo essa uma realidade que difunde-se por todo o país.

Isto posto, trata-se que esse é um aspecto invisível aos olhos da maioria, mas que deve ser tocado em ambiente escolar, com a finalidade de se difundir a percepção de que a leitura de fotos tende a oferecer caminhos para que possam coexistir, em um ambiente administrado pelo educador, uma pluralidade de ideias e de ideologias. (LITZ, 2009).

Sinteticamente, acredita-se que se as fotos tivessem sido retomadas em sala de aula virtual em um momento após o concurso de Fotografias a assimilação de conceitos como "Natureza", "Paisagem" e até de conteúdos como o campo brasileiro e a urbanização teriam se dado de forma mais profícua e significativa.

Todavia, há de se ratificar que a conjuntura da pandemia da Covid-19 viera a implicar no surgimento de inúmeras barreiras – mencionadas no início do texto – que nos impediram de contactar semanalmente nossos estudantes – que ficaram reféns, por quase 2 anos, do Plano de Estudo Tutorado.

Nesse contexto, assume-se que durante a vigência do ensino remoto houve o aprofundamento de uma prática tradicional de ensino de geografia, afinal, o processo de ensino-aprendizagem se reduziu drasticamente à memorização de conteúdo, estes não atados aos demais elementos constituintes da ciência geográfica. (SANTOS; CHIAPETTI, 2002).

Assim sendo, esperamos que as mesmas fotografias possam ser utilizadas em momento posterior, já que permitem que o sujeito aprendente interaja diretamente com o seu objeto de conhecimento (local de vivência/fotografias), fazendo com que o ensino dos conteúdos geográficos venha a tornar-se mais atraente, crítico, criativo e prazeroso. (Ibid, 2002). Ademais, almeja-se que o Concurso de Fotografias “Em Casa” possa inspirar o surgimento de outras iniciativas que apropriem-se da fotografia enquanto recurso didático capaz de favorecer a leitura de mundo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em linhas gerais, advoga-se que, assim como Borges et.al (2010), compactuamos com a ideia de que a fotografia expressa-se como um recurso passível de inserção no dia-a-dia escolar das mais diversas formas, apresentando elevada versatilidade e moldando-se de acordo com as necessidades de cada educador e de alunos em faixas etárias divergentes. Exemplifica-se que as imagens do Concurso de Fotografias “Em Casa” tiveram um tema comum “o espaço doméstico”, no entanto, por tratar-se de sujeitos de diferentes idades e interesses, as fotografias obtidas foram as mais heterogêneas possíveis.

À vista disso, o professor poderia valer-se de uma fotografia publicada por um estudante do sexto ano do ensino fundamental e utilizá-la para explicar a relação Campo-Cidade no terceiro ano do ensino médio, outrossim, uma publicação sobre urbanização, realizada por um aluno do sétimo ano, poderia ser analisada e discutida por discentes inscritos no segundo ano do ensino médio, e, assim, sucessivamente.

Para além, por ser um instrumento de baixo custo e de grande valia no que concerne à assimilação de conceitos e a formação de indivíduos conscientes e transformadores, é

necessário que se lembre que nenhum documento apresenta-se de forma neutra, não sendo uma expressão absoluta da verdade e/ou um retrato fiel da realidade.

Por isso, os educadores de geografia devem estar lúcidos dos objetivos a serem alcançados a partir da seleção de determinadas imagens para uso didático, conhecendo as pessoas que as criaram, as técnicas e equipamentos utilizados, o contexto sócio-histórico-temporal, as motivações que desencadearam seu desenvolvimento. Enfim, não basta que os docentes e discentes se detenham apenas ao que encontra-se escancarado na imagem, é preciso que os referidos se atentem aos aspectos subjetivos e invisíveis e os relacione com os saberes da ciência geográfica.

Em conclusão, nota-se que o Concurso de Fotografias expôs-se enquanto uma prática didático-pedagógica emergencial adotada em meio ao caos instaurado pela pandemia da Covid-19, posto que, acreditava-se que as imagens mostrar-se-iam de maneira mais atraente e informativa do que os textos vinculados via *Whatsapp* pelos pibidianos de Geografia. Contudo, assim como expressado por Ramos *et al.* (2016), as fotografias devem ser lidas tal qual os mapas, a fim de se prover o máximo de informações sobre alguma temática ou de se tecer comparações, nesse quesito, o projeto "Em Casa" mostrou-se falho, uma vez que os estudantes não se atentaram a necessidade de explicarem os interesses e motivações que os levaram a capturar determinada imagem, ainda sim, o fato de as fotos não terem sido retomadas nas aulas teóricas, práticas ou nos exercícios avaliativos da disciplina também viera a comprometer sua potencialidade enquanto ferramenta didática.

À vista disso, espera-se que, por intermédio desta reflexão, as fotografias cunhadas pelos alunos da E.E José Lourenço de Freitas possam ser revisitadas no contexto de aulas presenciais, dado que, os educadores, ao partirem da leitura de imagens correspondentes a vivência concreta dos educandos, estarão ampliando a capacidade de que os mesmos "aprendem a pensar o espaço", logo, estarão desenvolvendo o raciocínio geográfico, incorporando habilidades e construindo novos conceitos.

## AGRADECIMENTOS

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que possibilitou a vivência da docência no meio escolar, bem como ao Laboratório de Biogeografia e Climatologia (Bioclima) do Departamento de Geografia da UFV.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Ambrosetti, N. B., de Arruda, M. D. G. C., Almeida, P. A., Calil, A. M. G. C., & Passos, L. F. (2013). Contribuições do Pibid para a formação inicial de professores.

**Educação em Perspectiva**, 4(1). Disponível em:

<<https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6615/2722>>. Acesso em 13 abr. 2022.

BORGES, M. D.; ARANHA, J. M.; SABINO, J. A fotografia de natureza como instrumento para educação ambiental. **Ciência & Educação**, Bauru-SP, v. 16, n. 1, p. 149-161, 2010. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/ciedu/a/CHZhS6Y6td6ypR96zzHtBGz/?lang=pt>>. Acesso em 12 abr. 2022.

CALLAI, H. C. A Geografia e a escola: muda a geografia? Muda o ensino? **Revista Terra Livre**, São Paulo-SP, n. 16, p. 133-152, 1 2001.

CALLAI, H. C. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos Cedes**, Campinas-SP, v. 25, p. 227-247, 2005. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ccedes/a/7mpTx9mbrLG6Dd3FQhFqZYH/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

CAMPANHOLI, J. A. M. Fotografia e educação: o uso da fotografia na prática docente. **Revista Primus Vitam**, n. 7, 16p. 2014. Disponível em: <[http://delphos-gp.com/primus\\_vitam/primus\\_7/julie.pdf](http://delphos-gp.com/primus_vitam/primus_7/julie.pdf)>. Acesso em 12 abr. 2022.

CAVALCANTI, L. S. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiânia: C&C Alfa Comunicações, 2019.

CALAZANS, D. R.; ALMEIRA, J. P.; ARLOTA, G. L. Fotografia como recurso didático nas aulas de Geografia. **Diversitas Journal**, Maceió-AL, v. 7, n. 2, p. 1031-1046, 2022. Disponível em: <[https://diversitasjournal.com.br/diversitas\\_journal/article/view/2209/1668](https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/2209/1668)>. Acesso em: 12 abr. 2022.

CURY, C. R. J. **A educação básica no Brasil**. Educação & Sociedade, Campinas-SP, v. 23, n. 80, p. 168-200, 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/es/a/Hj6wG6H4g8q4LLXBcnxRcxD/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 12 abr. 2022.

ESTEVES, M. G. **O problema da linguagem no ensino de Geografia**. 302f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2018. Disponível em: <[https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/bitstream/123456789/261/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_problemalinguagemensino.pdf](https://repositorio.ufopa.edu.br/jspui/bitstream/123456789/261/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_problemalinguagemensino.pdf)>. Acesso em 12 abr. 2022.

FERNANDES, J. V., VEGA, A. G.; STEINKE, V. A. Geografia, paisagem e fotogeografia: uma experiência no ensino de alunos surdos. **Revista Entre-Lugar**, Dourados-MS, v.12, n. 24, p.126–145, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.30612/rel.v12i24.12743>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

FIALHO, E. S. A geografia escolar e as questões ambientais. **Revista Ponto de Vista**, Viçosa-MG, v. 5, n. 1, p. 49-64, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.ufv.br/RPV/article/view/9722>>. Acesso em: 2 fev. 2020.

FIALHO, E. S. As temáticas físicas e ambientais na Geografia Escolar. In: MAIA, D. C. (org.): **Ensino de Geografia em debate**. p. 91-113, Salvador: EDUFBA, 2014. 125p. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/323268120\\_As\\_tematicas\\_fisicas\\_e\\_ambientais\\_na\\_Geografia\\_Escolar/stats#fullTextFileContent](https://www.researchgate.net/publication/323268120_As_tematicas_fisicas_e_ambientais_na_Geografia_Escolar/stats#fullTextFileContent)>. Acesso em: 2 mar. 2021.

FRASSON, M. Fotografia, contexto e análise no ensino e na pesquisa de geografia. **Revista Geoingá**, Maringá-PR, v. 13, n. 2, p. 4-27, 2021. Disponível em:

<<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Geoinga/article/view/52557>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

FREIRE, P. **Educação e Mudança**. 11. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREISLEBEN, A. P.; KAERCHER, N. A. A linguagem fotográfica como recurso metodológico no ensino de Geografia. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia-MG, v. 7, n. 12, p. 114-130, 2016. Disponível em: <<http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N12/Art-8-Revista-Ensino-Geografia-v7-n12-Freisleben-Kaercher.pdf>>. Acesso em 12 abr. 2022.

HOLGADO, F. L.; ROSA, K. K. Olhares sobre a paisagem: a utilização de imagens de satélite e fotografias aéreas no ensino de geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria-RS, v. 15, n. 3, p. 129–138. 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/223649947350>>. Acesso em 12 abr. 2022.

LIBÂNEO, J. C. **Didática**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIMA, C. S. S.; MELO, F. G. P. P. Nas tessituras do conhecimento: experiências pibidianas com o uso da imagem como ferramenta pedagógica. **Revista Discurso e Imagem Visual em Educação**, João Pessoa-PB, v. 1, n. 2, p. 97–107, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/rdiver/article/view/32565>>. Acesso em 12 abr. 2022.

LITZ, V. G. O uso da imagem no ensino de História. **Caderno Pedagógico-Universidade Federal do Paraná, Curitiba**, 2009. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1402-6.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

MEUER, M.; SPIRONELLO, R. L. Geografia, fotografia e a construção de conceitos sobre o espaço urbano: Experiências Desenvolvidas na Disciplina de Fotogeografia nos Cursos de Geografia da Ufpel. **Revista Contexto e Educação**, Ijuí-RS, Ano 35, n. 112, p. 398-411, 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/10212>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

MONEGO, S.; GUARNIERI, V. A fotografia como recurso de memória. **Revista Cadernos do Ceom**, Chapecó-SC, v. 25, n. 36, p. 71-87, 2012. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/1153>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

MUSSOI, A. B.; SANTOS, W. T. P. **A fotografia como recurso didático no ensino de Geografia**. In: Artigo apresentado como requisito parcial para a obtenção da certificação do Programa de Desenvolvimento Educacional do Paraná em convênio entre Secretaria de Estado do Paraná e UNICENTRO. Guarapuava-PR, 22p. 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/785-2.pdf>>. Acesso em 12 abr. 2022.

NOVAES, A. R. Uma geografia visual? Contribuições para o uso das imagens na difusão do conhecimento geográfico. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro-RJ, n. 30, p. 6-18, 2011. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/4949>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

NASCIMENTO, R. A.; STEINKE, V. Apontamentos teóricos para uma relação entre paisagem e iconografia na Geografia. **Revista RAEGA**, Curitiba-PR, v. 44, p. 21-35, 2018. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/47200>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

NUNES, F. G. Linguagem fotográfica e ensino de Geografia: experiências desenvolvidas no PIBID/Geografia/UFGD. **Revista PerCursos**, Florianópolis-SC, v. 17, n. 35, p. 28 - 48, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724617352016028/pdf>. Acesso em: 12 abr. 2022.

RAMOS, S. C.; AGUIAR, G. W. **A importância da fotografia para ensinar Geografia do Lugar de vivência do sujeito**. PARANÁ. Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Paraná: Ed. UENP, 2016. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_pdp\\_geo\\_uenp\\_suelicatucciramos.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_geo_uenp_suelicatucciramos.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2022.

SARDELICH, M. E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo-SP, v. 36, n. 128, p. 451-472, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/tQws4zsftqmGxhq3XqVJTWL/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 12 abr. 2022.

SANTOS, R. C. E.; CHIAPETTI, R. J. N. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de geografia: uma interface Teoria e Prática. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria-RS, v. 15, n. 3, p. 167–184. 2002. Disponível em: <<https://doi.org/10.5902/223649947353>>. Acesso em: 12 abr. 2022.